



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
LÍNGUAS, ARTES E LITERATURA

ADRIANA ANDRADE MARANHÃO COSTA

**HISTÓRIA DE VIDA E LUTA DO PRIMEIRO CACIQUE DE COROA VERMELHA,
BENEDITO**



**Belo Horizonte
2024**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS
LÍNGUAS, ARTES E LITERATURA

HISTÓRIA DE VIDA E LUTA DO PRIMEIRO CACIQUE DE COROA VERMELHA, BENEDITO

ADRIANA ANDRADE MARANHÃO COSTA

Percurso Acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Línguas, Artes e Literatura pelo curso de Formação Intercultural De Educadores Indígenas (FIEI) da UFMG.

Orientador: Josiley Francisco.

Belo Horizonte
2024

AGRADECIMENTOS

Venho aqui agradecer a Deus (Niamisũ) por me ajudar na trajetória do curso, pois foram muitas pedras no caminho, tanto em relação a saúde quanto pessoal, agradecer meus pais Jalmir Alves Bonfim Maranhão e Maria Dalgiza Andrade que acreditam em mim desde quando fui morar com meus avós para estudar, me deram todo o suporte para eu concluir os estudos e me fez acreditar que poderia ir além do ensino médio, agradecer a meu esposo Fabrício da Silva Costa por ter cuidado dos nossos filhos e ter aguentado firme a saudade durante esse tempo e segurando minha mão nos momentos difíceis, agradeço todos meus familiares por toda ajuda, vó Benedita Bonfim e meu avô piloto (José Alves), as minhas tias, tios, primos, sobrinhos, irmãos, meus sogros, cunhados e meus queridos filhos Rhauany, Rhyanna e Levy Rhawênã vocês são minha inspiração e meus amores. Agradeço meus colegas de trabalho do Colégio Estadual Indígena de Coroa Vermelha Gileide Miranda, Junaiaara Novaes, Geane Bonfim, Denildo, Laliele, Lavínia, Kamila Guedes, Patrícia Santana, Júnior Sena Braz minhas Coordenadoras, amigas professoras, pela compreensão e incentivo, agradeço ao meu diretor Railson Braz por todo apoio e cuidado. Agradeço meus irmãos em Cristo.

Agradeço minhas coorientadoras Silvaní Bonfim, Priscila Borges e Orientador Josiley Francisco pela ajuda no meu percurso, meus professores, coordenação e direção da Faculdade de Educação.

Também gostaria de agradecer meus colegas da Turma LAL Sensacional, vocês foram muito importantes nessa trajetória, nossa turma ninguém soltou as mãos de ninguém.

RESUMO: Neste trabalho tenho como objetivo mostrar a história de vida, luta e conquistas de Benedito Pataxó como liderança. Quero deixar registrados os processos de lutas, conquistas e percalços na aldeia Coroa Vermelha, registrar sua vivência relacionada as lutas, movimentos e o social que ele fez dentro da nossa comunidade. Para isso, esse trabalho foi feito através de conversas, entrevistas com lideranças que acompanharam sua trajetória diretamente e indiretamente, vendo sua luta e dedicação. Essa pesquisa é uma maneira de registrar e valorizar cada vez mais nossas lideranças que incansavelmente não medem esforços para o bem da nossa cultura e costumes tradicionais. Este trabalho também servirá como material didático para futuras gerações nas escolas Pataxó, para interagir com as experiências vividas e poder futuramente tornar lideranças ativas em suas comunidades e, assim, valorizar todas as nossas lideranças, caciques e principalmente nossos mais velhos. Neste processo de memória e história é importante pensar em valorizar enquanto está vivo, não deixar para homenagear as pessoas que amamos quando não estão mais perto de nós. Era essa homenagem que gostaria de fazer, mas, infelizmente, no meio em que estava preparando as entrevistas Benedito veio a óbito, então eu prosseguir com meu trabalho pois tenho certeza de que através do legado do Cacique Benedito virão outras lideranças, mesmo com o falecimento também é importante escrever sobre quem já lutou tanto por nosso povo em diversas áreas e hoje tem parente que não sabe nada sobre esse guerreiro.

Palavras-chave: Cacique Benedito; Biografia; Movimento Indígena; Povo Pataxó.

Lista de Imagens

Figura 1 - Adriana Maranhão.....	6
Figura 2 - Mapa da aldeia Coroa Vermelha.....	11
Figura 3 - Mapa das aldeias pataxó.....	11
Figura 4 - Cacique Benedito. Foto: Raimunda Matos.....	13
Figura 5 - Cacique Benedito em 1991.....	16
Figura 6 - Cacique Benedito com seu cocar.....	17
Figura 7 - Silvaní Bonfim Ferreira. Arquivo pessoal de Maylli Matos.....	24
Figura 8 - Cacique Nengo Pataxó.....	31
Figura 9 - Cacique Aruã.....	32
Figura 10 - Uhituwé Pataxó.....	35
Figura 11 – Cacique Yamaní.....	40

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	6
1. INTRODUÇÃO.....	10
2. APRESENTAÇÃO DA ALDEIA COROA VERMELHA.....	11
3. HISTÓRIA DE VIDA E LUTA DO PRIMEIRO CACIQUE DE COROA VERMELHA.....	13
3.1. Infância e juventude.....	15
3.2. Atuação como cacique.....	16
4. CANTANDO E RECITANDO A LEMBRANÇAS DO CACIQUE.....	18
4.1. Cantos.....	19
5. CORDEL.....	19
5.1. Cordel em homenagem ao Cacique Benedito.....	19
6. ENTREVISTAS.....	22
6.1. Silvaní Bomfim Ferreira.....	23
6.2. Cacique Macuco, Nengo Pataxó.....	30
6.3. Cacique Aruã.....	32
6.4. Uhituwé Pataxó.....	35
6.5. Cacique Yamaní.....	40
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXOS: DOCUMENTOS E FOTOS.....	44

APRESENTAÇÃO



Figura 1 - Adriana Maranhão.

Eu me chamo Adriana Andrade Maranhão, na minha aldeia meu nome indígena é Tamikuã Niognãga que significa estrela brilhante, nasci em Porto Seguro, Bahia, aos 22 dias do mês de junho no ano de 1983, pertencço ao povo pataxó. Sou casada com Fabrício da Silva Costa, temos três filhos, a mais velha é a Rhauany, com 17 anos, a do meio é a Rhyanna, com 13 anos e o caçulinha se chama Levy Rhawenã, com 10 aninhos.

Sou filha de uma guerreira chamada Maria Dagilza Andrade, seus pais são Maria de Jesus e Manoel Francisco de Andrade e meu Pai o guerreiro Jalmir Alves Bonfim Maranhão seus pais Benedita Rosário Bonfim e José Alves Maranhão.

Moro na aldeia indígena Carajá, em Coroa Vermelha, no município de Santa Cruz Cabrália Extremo Sul da Bahia, tendo nascido de bons pais. Recebi, portanto, algumas instruções de Dona Maria Dalgiza e de Jalmir Alves Bonfim Maranhão, que são meus queridos pais, fui favorecida com essa bênção de nascer filha de dois guerreiros que sempre me apoiaram pra que eu conseguisse estudar e tivesse força para alcançar meus objetivos.

Depois do fogo de 51 que houve em Barra Velha, muitos indígenas foram dispersos por vários lugares, e não foi diferente com meus avós, foram embora para outros lugares aqui neste mesmo território do Sul da Bahia. Foi aí que meus pais se conheceram e começaram a morar em Porto Seguro.

No início, eu via minhas irmãs Joelma e Rosângela indo para a escola, eu começava a chorar para ir estudar também, mas era muito novinha para estudar. Quando obtive a idade para estudar, não pude, pois, meus pais moravam muito longe. Então, fui morar com os meus avós paternos. Aos dez anos de idade comecei estudar na escola Anchieta, como já era um pouco mais velha, fui para alfabetização e lá encontrei uma professora muito boa. Logo comecei a escrever meu nome e aprender as palavras, sempre tive o sonho de estudar, foi a maior felicidade para eu poder estudar, mesmo estando no início. Fiquei entusiasmada ao aprender todos os dias um pouquinho, passei para o primeiro ano onde encontrei a professora Ana, ela era muito legal, eu prestava muita atenção nas aulas, pois, o meu objetivo era sempre aprender mais e mais e não repetir de série.

Foi justamente isso que aconteceu, logo passei para segunda série, depois para terceira e por fim, a quarta série. No final do ano letivo foi uma tristeza porque tive que mudar para outra escola, pois, no Anchieta não tinha quinta série.

Com quinze anos fui para a escola municipal de Porto Seguro, lá fiz muitas novas amizades com novos colegas e professores. Sempre tive facilidade com a matéria de Língua Portuguesa e assim fui cada vez mais me identificando, acabei tirando notas boas e antes da quarta unidade já tinha sido aprovada. Quando eu vinha da escola, uma senhora perguntou para minha mãe se eu era professora porque eu andava cheia de livros e também era comunicativa com todos como um adulto e ela achava meu jeito de falar com os outros, e eu também fazia trabalhos na biblioteca pesquisando sobre assuntos que os professores passavam para mim. Quando fiquei sabendo dessa fala da vizinha, comecei a pensar na profissão de professora de línguas.

As matérias que eu mais me identifiquei na escola sempre foram Português e Inglês, com 18 anos comecei o Ensino Médio no Colégio Terezinha Scaramussa e depois fui para o colégio Frei Henrique, em Coroa Vermelha. Como eu fui morar com meu avós para estudar, porque meus pais moravam muito longe, quando comecei o Ensino Médio meus pais foram me buscar e vim morar com eles novamente.

Sempre na minha vida tive muitos desafios, logo quando nasci tinha uma doença que minha pele ficava em carne viva e minha mãe disse que me cobria, pois, feria muito e ela tinha vergonha das

peças. Minha mãe passou muito mal e quase morreu. Então, como o início da minha vida foi muito difícil, eu sempre pensei em estudar muito, me formar para passar de ano, para ter boas notas, obter mais conhecimento, ajudar meus pais e minha comunidade fazendo algo que gosto.

Quando ainda estava no Ensino Médio, trabalhei com várias coisas, mas não era o que eu queria, foi quando fui chamada para ser voluntária da Associação de Pescadores Indígenas, como secretária. Fizemos alguns projetos para a melhoria de nossa comunidade e apresentamos para pescadores e marisqueiras, viajamos eu e o presidente da associação, Sr. Agenor Ferreira, para Brasília para apresentar o projeto ao Siape. Foi aí que conheci o projeto que eles tinham para alfabetizar os pescadores e marisqueiras, chamado pescando letras, eles falaram para arrumar uma pessoa com disponibilidade para dar aulas à noite. Então, me perguntou se eu não podia, daí falei que já era secretária, então me disse que não era problema, e eu aceitei. Comecei a dar aulas e descobri minha vocação, todos amaram as aulas, muitos me elogiaram pela dedicação.

Terminado esse projeto Pescando Letras, logo veio o Topa, um programa de alfabetização de jovens e adultos. Não tive problemas para escrever no quadro e nem em timidez, pois, no colégio eu já escrevia no quadro-negro para meus colegas e fazia chamada quando meus professores precisavam se ausentar da sala. Por um tempo fiquei estacionada em meu sonho de dar aulas, pois, na medida em que meus filhos nasciam meu sonho ficou um pouco adormecido. Mas, depois que comecei a levá-los para a escola, lá já sabiam da minha experiência em sala de aula e me chamaram para ser professora substituta. Assim comecei novamente a me entusiasmar, vários professores eu substituí até o ano 2019. Quando eu substituí a professora de Língua Portuguesa, que é a minha disciplina preferida, comecei a gostar ainda mais dela, eu fiquei muito feliz em ajudar aos professores da escola indígena a se formarem e também me ajudou muito a obter mais conhecimento, experiência e ajudar um pouco minha comunidade.

Depois do *Pescando Letras* participei do topa e depois disso comecei a ser professora substituta no ano 2015 na escola municipal Coroa Vermelha, fui cuidadora de alunos com necessidades especiais, dei reforço para alunos com dificuldades no aprendizado.

Em 2019, ainda trabalhando na Escola Indígena fiz um processo seletivo para portaria do Colégio Estadual Indígena, pois eu não era contratada só era substituta foi então que passei, fiz isso por que queria muito fazer uma faculdade para me formar e vi ali uma oportunidade de ficar num emprego

fixo para poder estudar, logo fui para outro cargo para trabalhar na cozinha, na pandemia surgiu oportunidade de fazer teste para trabalhar na secretaria pois, precisava para ajudar com as atividades remotas, foi aí que passei no teste fiquei na secretaria um tempo daí fiz a seletiva para professora indígena, fui fazer a prova sem muita expectativa acabei ficando em segundo lugar.

Hoje trabalho no Colégio Estadual Indígena, sou professora, sou presidente de conselho de pais, participo ativamente em minha comunidade em projetos de melhoria da escola, jogos indígenas, casamentos culturais, sou uma das componentes do grupo cultural do colégio, participo da dança (awê) e em reuniões de liderança.

Apesar de ficar muito feliz por contribuir na formação de professores, acreditava e queria muito que chegasse a minha vez de ter uma formação, por isso que no ano de 2019 me inscrevi na UFMG para formação de educadores Indígenas, sabia que poderia ajudar ainda mais o meu Povo Pataxó. Tudo que passei até aqui não foi por acaso, pois, agora consegui estudar em uma faculdade na habilitação que gosto. Quando fazemos o que gostamos, fazemos com prazer e alegria, contribuindo assim para a melhoria da minha comunidade e para o meu crescimento profissional.

Fiquei muito feliz de me inscrever nessa licenciatura intercultural, sei que agora minha felicidade está completa por conquista mais um degrau da minha vida, concluir um curso superior em uma Faculdade Federal não é fácil ainda mais quando se tem família, e conseguir uma vaga específica para indígenas é muito importante para nossa vida social e profissional. Nesse meio tempo o caminho foi árduo, mas, consegui vencer. Desde já, sou grata a meu Deus, meus pais, lideranças, aos colegas de profissão e a UFMG por proporcionar oportunidade de me qualificar para obter conhecimento secular valorizando os saberes tradicionais.

1. INTRODUÇÃO

Escolhi este tema porque Benedito foi um grande liderança para minha comunidade, ele faz parte da minha família é primo do meu pai, durante minha infância via meu pai contar muitas histórias sobre ele e gostaria de compartilhar para conhecimento de todos.

Com esse trabalho de pesquisa pois quero deixar como registro para a juventude e futuras gerações que não conhecem a história de vida, luta, conquista, contribuição para a comunidade na parte educacional, familiar, saúde e territorial do primeiro cacique da aldeia Coroa Vermelha. Também quero deixar como material pedagógico para ser usado nas escolas indígenas, frisando o papel e importância da liderança, sua contribuição para a comunidade e desafios.

Venho trazendo neste trabalho uma singela homenagem em forma de Cordel e os cantos do povo pataxó sei que a homenagem é melhor quando temos a pessoa presente, mas acredito que essa homenagem também é válida pois ela vai fazer com que pessoas que não conheceram possam conhecer e para quem conheceu jamais esqueça de sua passagem aqui nesta terra, talvez eu não tenha demonstrado a minha gratidão por seu trabalho e ajuda, mas esse trabalho também é uma forma de agradecimento pela contribuição para a comunidade Coroa Vermelha e para minha família.

Eu esperava fazer essa homenagem com Benedito Cacique em vida, pensei que ele teria muitos anos de vida junto a sua família, não imaginei que ele ia ancestralizar antes de eu terminar minha pesquisa, mas infelizmente, aconteceu.

O objetivo desta pesquisa é contar a história de vida, luta e conquistas do primeiro cacique de Coroa Vermelha através de um livro, descrever sua contribuição como liderança para a aldeia de Coroa, para os jovens, crianças e professores que não tiveram oportunidade de conhecer, poder conhecê-lo e ensinar sua geração pois, os conhecimentos são passados dessa forma.

Esse trabalho também será usado como material pedagógico nas escolas indígenas. Tinha como objetivo também homenagear e entrevistá-lo, mas no decorrer do percurso enquanto estava estudando na FAE recebemos a notícia da sua partida.

2. APRESENTAÇÃO DA ALDEIA COROA VERMELHA

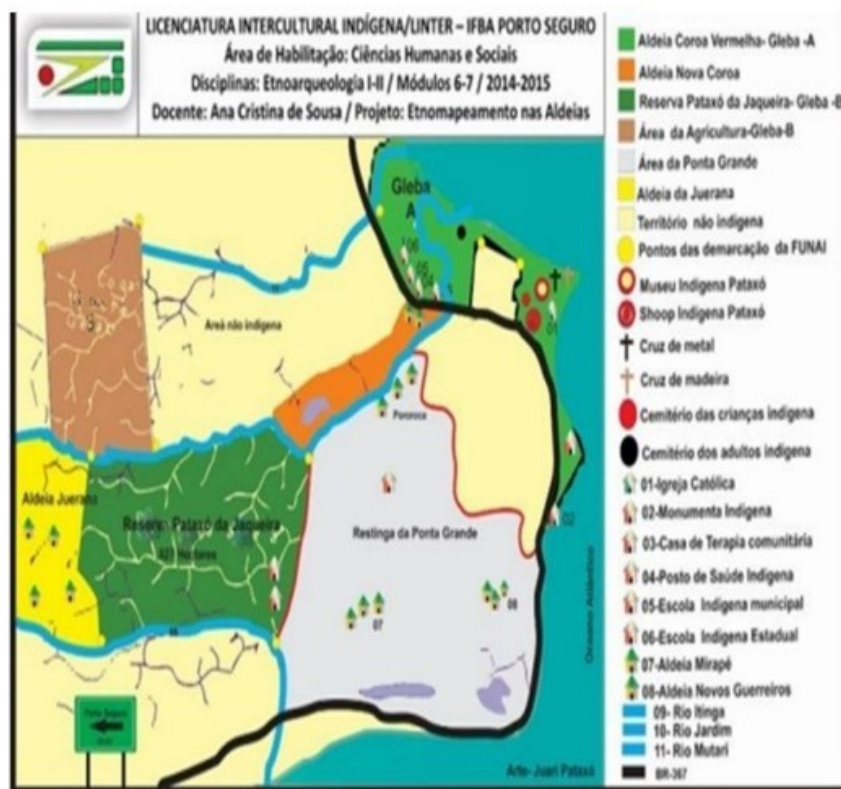


Figura 2 - Mapa da aldeia Coroa Vermelha.



Figura 1. Fonte: Superintendência de Assuntos Indígenas de Porto Seguro (2013)

Figura 3 - Mapa das aldeias pataxó.

Atualmente o povo Pataxó vive em aproximadamente 40 aldeias espalhadas na região do extremo sul da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O povo Pataxó fala a língua portuguesa e o Patxôhã. Desde 1998, está em processo de retomada da língua Pataxó denominada Patxôhã. O povo Pataxó da aldeia Coroa Vermelha, fica localizada no município de Santa Cruz Cabrália a 18 km de Porto Seguro BA na BR 367. A aldeia está dividida em duas Glebas: A e B. Na Gleba A, fica Coroa Vermelha área urbana onde uma grande parte dos indígenas trabalha na produção e venda de artesanatos, pesca, agricultura, pecuária e turismo. Na gleba B, fica a área da agricultura, onde as pessoas sobrevivem da agricultura familiar, eles plantam e colhem seus produtos para comercializar todos os sábados na feira de Coroa Vermelha, esse espaço é para indígena e não indígena comercializarem seus produtos. Também trabalham na rede de hotelaria e turismo, na área da educação, nas escolas indígenas Municipais e Estaduais onde o corpo docente, direção e coordenação pedagógica são integrados por indígenas da própria comunidade. Na área da saúde SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena), também tem indígenas que exercem a função de enfermeiros, técnico de enfermagem, motoristas, agentes comunitários, entres outros.

Ao lado fica a Reserva Pataxó da Jaqueira com 827 hectares de mata atlântica onde há um trabalho de preservação ambiental, afirmação cultural e Etnovivência. Cada comunidade Pataxó têm suas especificidades, mas a nossa cultura e costumes é de um povo só, praticamos nossos rituais, noites culturais. Nosso fortalecimento vem dos nossos anciãos um livro vivo de histórias e resistência. A organização interna das aldeias Pataxós geralmente são compostas por cacique, vice cacique, e suas lideranças, por indígenas mais velhos e jovens da aldeia que gostam sempre de estar à frente dos movimentos e incentivando toda a comunidade a não desistir dos seus direitos e deveres garantido na Constituição Federal. Nas aldeias há várias cooperativas, associações, institutos e conselhos que buscam os projetos para melhoria da nossa comunidade, essas são administradas pelos próprios indígenas. O Povo Pataxó que historicamente tem mais de 524 anos de contato com o “povo branco” como dizem os mais velhos, contam os nossos anciãos que o nosso povo conhecia a mata como ninguém e sobrevivia das plantações que era retirada da mata e aparecia ao litoral para pegar mariscos na praia. Tinham habilidade em atirar flechas, eram nômades, foram torturados, massacrados, sofrimentos e morte de muitos indígenas, direitos violados e muita resistência do povo Pataxó, tentaram dizimar o nosso povo, mas resistimos para que hoje seus filhos e netos contassem suas histórias de lutas e resistências.

A Aldeia Coroa Vermelha é uma área indígena do povo Pataxó que foi demarcada como terra indígena em abril de 1998, e a partir deste período houve um crescimento muito grande da população indígena

na Aldeia de Coroa Vermelha. De acordo com a SESAI 2024 apenas cerca de mil indígenas moravam na Aldeia Coroa Vermelha. Anos após anos, a população da aldeia foi crescendo, as famílias foram se multiplicando e também várias famílias Pataxó vieram de outras aldeias. A Aldeia Coroa Vermelha está localizada na Bahia entre o município de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, e possui muitas casas, lojas e comércios. É muito visitada durante o ano todo por turistas de vários lugares do mundo e por ter praias bonitas. Muitos vão conhecer o povo Pataxó. A Terra Indígena de Coroa Vermelha está dividida em duas glebas: a gleba A – onde está localizada a parte turística – e a gleba B – com uma parte que serve de agricultura para alguns indígenas que vivem de plantações e outra na qual está a área de preservação ambiental e afirmação cultural, lugar chamado no presente de Aldeia Pataxó da Jaqueira.

3. HISTÓRIA DE VIDA E LUTA DO PRIMEIRO CACIQUE DE COROA VERMELHA



Figura 4 - Cacique Benedito. Foto: Raimunda Matos

Benedito Alves do Espírito Santo, conhecido como Benedito Cacique, nasceu no dia 08 de abril de 1953, na Aldeia Pataxó Barra Velha, em Porto Seguro / BA, onde passou toda a infância e juventude. Criado na roça, aos 12 anos aprendeu com seus pais a trabalhar na agricultura, vivenciando ricas experiências com a natureza, caçando, plantando, colhendo e sobrevivendo do que plantava. Praticava seus rituais tradicionais, participando das festas e brincadeiras típicas.

Mudou-se para Aldeia Pataxó Coroa Vermelha, localizada em Santa Cruz Cabralia-BA, casando-se aos 33 anos com Isabela Maria, com quem teve e criou seus 04 filhos. Durante sua vida exerceu os ofícios de agricultor, artesão e por 12 anos esteve como cacique do povo Pataxó

Com a comunidade, elaborou um projeto, reivindicando, junto a FUNAI, um novo prédio escolar, uma vez que, o atual já não suportava o número de crianças, além dos problemas estruturais. No projeto constava o pedido da construção de uma sala de aula, com 08 m² e 02 professores. A FUNAI atendeu o seu pedido, que rapidamente providenciou os materiais necessários para a construção, sendo a própria comunidade, a responsável pela obra.

A história do Benedito, Arapati (nome indígena), é importante para a comunidade Pataxó, bem como para a comunidade cabraliense, o que proporciona ter uma visão histórica de uma trajetória de luta por direitos civis ao povo Pataxó e ao povo brasileiro. Suas ações compreendem a efetivação de um projeto que marca o início do movimento de lutas pela garantia do direito à educação de qualidade. Materializa a determinação constitucional, assegurando os direitos à educação escolar indígena.

Grande defensor da educação, Benedito Cacique, se tornou um dos líderes mais influentes na comunidade Pataxó Coroa Vermelha, tem deixado marcas significativas de resistência e luta pelos direitos do seu povo. Sua história tem ajudado muitas pessoas a conhecerem e repensarem a imagem distorcida e preconceituosa do povo indígena Pataxó. Seu nome e sua história devem se fazer presentes nas salas de aula, nas escritas e nas oratórias daqueles que contam as histórias do povo Pataxó.

Mas mesmo antes de liderar nosso povo como cacique ele já atuava como liderança, houve um pequeno momento em que a comunidade tinha dois nomes para indicar para cacique, foi quando o pajé Itambé convidou Benedito para atuar como cacique, então muito antes de ele atuar ele já era uma liderança pois acredito que não se vira liderança, se nasce, tem um dizer assim quando nasce pra ser cresce sendo.

Às vezes eu ia jogar bola com o time da aldeia às 5 da manhã e o encontrava caminhando pela rua, benedito tinha a preocupação de passar na casa das famílias da sua comunidade bem cedinho para observar se estava tudo em ordem, onde ele passava ele era convidado para tomar café.

A liderança da aldeia era quem resolvia os problemas e conflitos que surgiam em Coroa Vermelha, se fosse um problema de família ou da comunidade ele chamava as pessoas para uma conversa para ouvir e depois ele vinha com um conselho para essas pessoas envolvidas.

Os parentes da comunidade também o procurava para pedir conselho sobre alguma coisa relacionado a família, a comunidade ou uma missão que tinha sido chamado. Nessa época eu era pequena e morava com meu avós Benedita rosário Bonfim e José Alves Maranhão tios de Benedito, lembro-me que meus avós ficaram bem preocupados, pois os sobrinhos estavam presente no momento que houve a comemoração dos 500 anos.

Nos tempos de retomada da aldeia Carajá, houve um evento nessa área de retomada onde se reuniu diversos povos e representantes quilombolas onde discutiram muitas pautas relacionadas ao território, saúde e educação, teria a presença do presidente Fernando Henrique Cardoso, não nessa retomada, mas no local onde foi celebrada a 1ª missa para “comemorar os 500 anos do Brasil.

Os povos se reuniram e começaram a marchar em direção ao cruzeiro, local da missa, eles foram surpreendidos por policiais com balas de borrachas atirando e jogaram também bombas de gás, muitos indígenas foram atingidos e sangrando com esse ataque isso aconteceu no ano 2000, em todos esses momentos Benedito Cacique estava sempre presente na luta junto do seu povo.

3.1. Infância e juventude

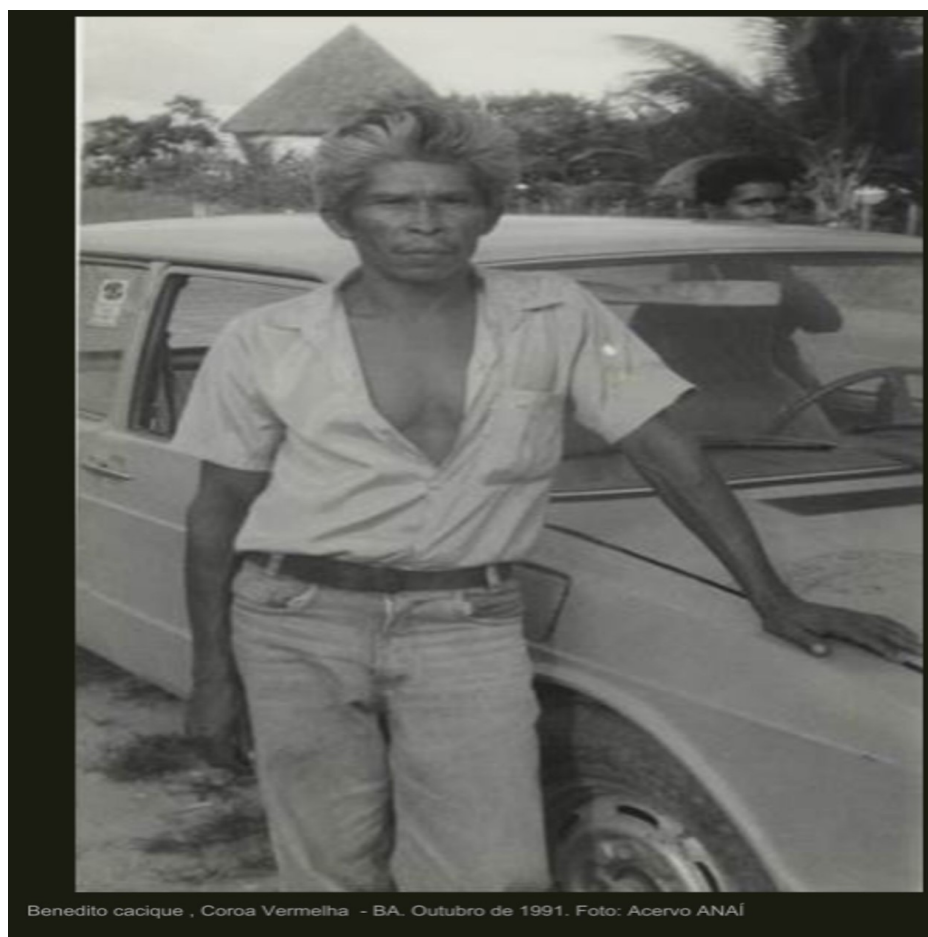


Figura 5 - Cacique Benedito em 1991.

“A infância de Benedito foi de muito trabalho ele saiu de casa com 11 anos de idade para trabalhar pra os outros e trabalhar a diária a vida dele era trabalhando fora de casa, ele pouco ficou em casa aí quando ele retornou pra junto da gente já velho, ele era uma pessoa boa e calma, foi cacique por 11 anos conduziu direitinho o povo, fez os trabalhos sério, honesto, eu não me lembro pois levou a juventude trabalhando muitos anos fora da gente então não tenho muito o que dizer da infância dele” (Fala do cacique Nengo).

3.2. Atuação como cacique



Figura 6 - Cacique Benedito com seu cocar.

Benedito era um liderança sábia, não tinha o conhecimento da leitura, mas tinha o conhecimento da vivência e luta do seu povo, era conhecedor dos seus direitos e deveres. foram diversas viagens a Brasília para buscar melhoria para nossa comunidade, lembro me em uma vez há algum tempo, houve uma votação para cacique naquela época tinha alguns nomes e Benedito foi um deles.

A votação era no centro cultural da escola indígena de Coroa Vermelha, toda a comunidade reunia nesse centro e recebia uma cédula de papel com os nomes de quem a comunidade queria que fosse cacique, os membros da comunidade marcava o nome que ele queria que fosse nosso cacique e colocava dentro de uma urna, meu pai Jalmir, primo de Benedito, sempre votava nele pois ele dizia que o mesmo era competente para ser cacique.

No fim da votação iam apurar os votos, e Benedito tinha ganhado o maior número de votos. Nem sempre a votação foi assim houve época que tínhamos de levantar a mão e aí já era computado o voto, outras vezes o grupo de lideranças indicava quem seria o cacique.

Por anos benedito ficou no cacicado escolhido pelo povo, pois ele tinha uma maneira de liderar diferente.

Às vezes eu ia jogar bola com o time da aldeia às cinco horas da manhã e o encontrava caminhando pela rua, Benedito tinha a preocupação de passar na casa de sua comunidade bem cedinho para observar se estava tudo em ordem, onde ele passava ele era convidado para tomar café.

Ele sempre dizia que a prioridade era ver seus parentes indígenas capacitados. Que graças a Deus ele tinha orgulho de dizer sempre para os meninos que os nossos professores hoje, a maioria é indígena. É o objetivo que a gente pensava sempre, chegar nesse ponto. Espero que daqui para frente a gente vá cada vez mais capacitando nossos filhos, netos e companheiros e que mais tarde vão ser nossas lideranças fortes para resolver os nossos problemas.

Nas suas falas era claro a satisfação e a felicidade de ver enfermeiras indígenas, professores, enfim, tem bastante pessoas que também estudaram e que estão fazendo faculdade. Ele como liderança que vinha lutando há muito tempo com uma comunidade, só tinha agradecimento a Deus, e falava esse povo que está aí na luta se capacitando eu fico daqui torcendo. Era um cacique que gostava muito de conversar com os jovens e dar conselho, sempre falava do orgulho de ter pessoas indígenas daqui da nossa aldeia que estudavam por aqui e hoje já está em outras faculdades trazendo mais conhecimentos e lucro para nossa aldeia. O cacique Benedito era um líder admirável, era respeitado por todos da nossa comunidade de crianças aos nossos anciãos. “Sou aquela pessoa de sempre, sou aquele amigo, sou aquela pessoa de coração aberto. Não tenho dúvida nenhuma, assim como os meus filhos estudaram, se formaram os filhos dos meus parentes também vão estudar se formar para continuar a luta em busca dos seus direitos”.

4. CANTANDO E RECITANDO A LEMBRANÇAS DO CACIQUE

Recapitulando as lembranças de quando o Cacique Benedito foi plantado, veio na memória esse momento e lembrei de um vídeo que um parente compartilhou nas redes, em que a comunidade ia caminhando e cantando esses dois cantos caminhando para plantar o cacique.

O povo Pataxó é muito rico na oralidade e principalmente no que diz respeito aos cantos e eles estão presente em todos os momentos de nossa vida, seja ele momentos bons, ruins, movimento, casamento, formatura, celebração, jogos indígenas, enfim em todos os momentos. O canto é um lugar de força e resistência e esse percurso eu preciso de bastante para poder concluir, por esses motivos resolvi colocar esses dois cantos que fala sobre cacique.

“Quando os nossos morrem, nós não enterramos, nós plantamos. Porque sabemos que ele estará sempre no reino dos Encantados cuidando de cada um de nós”(Uhitwé)

4.1. Cantos

Cacique da mata aonde tu anda
Cacique da mata aonde tu anda
Na mata escondido tecendo uma tanga
Fazendo um pedido que meu pajé manda

(CANTO PATAXÓ)

Oh cacique saia da mata
Oh cacique venha dançar
Com o seu cocar de pena
Oh cacique hêia hêia iá
Hêia hô hêia hêiô
Hêia há hêia hêia

(CANTO PATAXÓ)

5. CORDEL

Pensando sobre o que eu poderia escrever para enriquecer o meu trabalho de percurso, conversei um pouco com Silvaní Bomfim Ferreira, uma das entrevistadas e vi que Silvaní é uma professora muito talentosa com seus cordéis, em ocasiões de festividades na escola ela sempre apresenta um cordel de sua autoria.

Pensando nisso me inspirei na professora e comecei escrever o meu segundo cordel. Portanto, nesse trabalho eu escrevi um cordel contendo alguns feitos e contribuição que Benedito fez na comunidade de Coroa Vermelha e também escrevi alguns acontecimentos sobre os ocorridos durante o trajeto em que escolhi falar sobre esse tema:

5.1. Cordel em homenagem ao Cacique Benedito

Eu vou falar de um guerreiro
Que viveu a guerrear
Nas horas tristes e alegres,
Sempre tinha algo a ensinar
Ele nasceu em barra velha
Na aldeia terra mãe
A beira do mar.

Um homem sábio e cabelo branco
Sua mansidão era de admirar

Quando em sua aldeia,
Os parentes estavam a brigar
Logo o cacique Benedito
vinha o seu povo liderar.

No tempo que ele nasceu
O fogo de 51 veio nos massacrar
No colo de sua tia fugiu
Para o fogo de 51 não o matar
Passou por muita luta
O guerreiro veio pra iluminar.

Graças a Niamisũ ele cresceu
Para muitas coisas conquistar
Hoje faço esse cordel
Para essa liderança homenagear
Durante seu cacicado lutou
E muitas coisas conseguiu alcançar.

Ajudou junto ao seu povo
A nossa educação escolar
Também lutou pela saúde
Que a comunidade vem desfrutar.
Fez diversas viagens para Brasília
Para nossa terra tentar demarcar.

Em busca de ganhar a terra
E seu povo viver em harmonia,
lutou uma luta árdua
Mas, venceu com alegria
No ano de 1998 Coroa Vermelha,
Ele ajudou a demarcar com sabedoria.

No ano de 2022 eu escolhi
A história de Benedito contar
Pois foi o primeiro cacique
Que Coroa viu liderar
Ele ainda estava vivo
Quando comecei a pesquisar.

Achei que teria tempo
Do Cacique Benedito entrevistar
Gostaria muito que ele assistisse
Do que dele irei falar
Pois ele muito merece
O trabalho que vou apresentar.

Vê o fruto da educação
Que ele ajudou a plantar
Infelizmente o cacique adoeceu
E foi ao hospital se tratar
Soube que não estava bem
e precisou se internar.

Eu tinha muita esperança
Que nosso cacique fosse voltar
Mas, Niamisũ o chamou
E assim foi ancestralizar
Fiquei desanimada e triste
Não sabia o que contar.

Sei o quanto era significativo
Da vida de Benedito cacique falar
Contar pra ele ainda em vida,
Que seu legado foi espetacular
Mas, como eu iria adivinhar?
Que setembro de 2023
Benedito iria nos deixar.

Em meio a esse turbilhão de acontecimento
Pensei em não mais pesquisar
Pois o guerreiro Benedito não iria presenciar
A beleza desse meu trabalho
Que é a história dele contar
Aqui deixar registrado
Para outros parentes privilegiar.

Fiquei sem saber o que fazer
Pensando em esse tema abandonar
Depois de uma conversa com o cacique Nengo
Decidir com entusiasmo continuar
Pois eu não achei justo
Esse tema não se registrar.

A bela trajetória de Benedito Cacique
A gente deve valorizar
Escrevendo esse belo trabalho
Muita coisa veio a me ensinar
Primeiro, que o tempo é curto
Cada ancião devemos cultivar.

Quando o cacique estava doente

Eu não conseguir visitar
Pois os parentes me falaram
Que ele não podia se estressar
Pensando que era verdade
Fui deixando para lá.

Hoje a você jovem que aqui estão
Tenho um conselho a lhe passar
Benedito cacique ajudou o nosso povo
Há muitas coisas conquistar
Deixou o seu legado como cacique
É nele que devemos nos espelhar.

Sobre ele tinha muito pra contar
Suas histórias de vida
Passada em seu caminhar
Memórias de tristezas e dor
Ele teve que superar
Pela sua comunidade indígena
Que tanto conseguiu lutar.

Encerro esse cordel
Com um aperto no coração
Pois é um livro que se fecha
Quando perdemos um ancião
Com tristeza seguimos em frente
Pedindo sua nobre permissão...

Por aqui vou parar
Sem nem tudo conseguir falar
Sobre Benedito Cacique
Temos muito a relatar
Tudo que ele nos deixou
Devemos aos nossos jovens repassar.

(Cordel de autoria de Adriana Maranhão e Silvaní Ferreira, 2024)

6. ENTREVISTAS

Os entrevistados foram selecionados de acordo com a aproximação e parentesco que tinha com o cacique Benedito, são conhecedores da trajetória dele, atuaram junto com o cacique nos movimentos, reuniões, lutas pelo território, saúde, educação, atuaram junto ao cacique em diversos momentos. Primeiro entrevistado foi o Cacique Macuco que é irmão, o segundo entrevistado é Silvaní vice-diretora da escola indígena de Coroa Vermelha e amiga, quarto entrevistado cacica da Yamaní, que é

cacique da aldeia Juerana, outro entrevistado cacique Aruã atualmente trabalha na FUNAI, mas também foi cacique de Coroa Vermelha logo depois de Benedito e, por fim, a entrevistada Uhitué que é afilhada de Benedito cacique que atualmente é vice-cacique do atual cacique de Coroa Vermelha. Esses entrevistados têm muita história para contar sobre o cacique pois são pessoas que atuaram na comunidade e até hoje atuam, aqui neste trabalho contém algumas delas.

Primeiro tem uma pequena biografia de cada entrevistados, foto e depois as entrevistas. Nas entrevistas foram feitas 6 perguntas, as mesmas perguntas foram feitas aos entrevistados, depois vem um pequeno vídeo feito onde os entrevistados conta um pouco do momento mais marcante que vivenciou com o cacique Benedito.

Para estimular a fala dos entrevistados foram realizadas as seguintes perguntas:

- 1- Qual a relação com o cacique Benedito?
- 2- Qual a participação na comunidade?
- 3- Por que você acha importante a luta de uma liderança?
- 4- Como se tornou liderança?
- 5- Qual é a trajetória de uma liderança e desafios?
- 6- Qual a diferença da atuação do cacique antes e na atualidade?

6.1. Silvaní Bomfim Ferreira



Figura 7 - Silvaní Bonfim Ferreira. Arquivo pessoal de Maylli Matos

Eu, Silvani Bomfim Ferreira da Etnia Pataxó, meu nome indígena é Akitxawã, que significa mês de setembro; tenho 43 anos, nascida em 08 de março de 1981, na aldeia Pataxó Coroa Vermelha onde moro com meus familiares. Sou filha de Antônio Ferreira de Almeida e Bernarda Lemes Bomfim, tenho 9 irmãos, das mulheres eu sou a caçula. Sou casada e tenho quatro filhos. Estudei na primeira turma formada na aldeia Coroa Vermelha no ano de 1988, com a professora Ilsa a 1ª série, a 2ª e 3ª série com a professora Irene as primeiras professoras de Coroa Vermelha. A 4ª série estudei com a professora Neumair. Como não tinha a 5ª série na nossa aldeia, fui estudar fora em escola não indígena. Concluir o fundamental I depois fiquei sem estudar por um bom tempo, pois casei muito nova, só voltei a estudar em 2002 quando fiz o telecurso 2000, assim consegui concluir as séries finais o antigo Fundamental II. Em 2004 fui estudar o 1º, 2º e 3º ano do ensino médio também fora da aldeia, consegui terminar essa etapa em 2006.

Falando da minha infância, posso dizer que ela foi maravilhosa, pois meus pais sempre nos deixou o tempo livre para nós brincarmos, mas tínhamos que estudar, meu pai falava que o estudo era a melhor coisa na nossa vida. Mas ele me deixou livre para aproveitar minha infância, eu brincava com as minhas primas e minhas amigas, e o que eu mais gostava de fazer era subir nas árvores, jogar bola e tomar banho no mar, pois isso é muito normal na vida das crianças indígenas. Tínhamos um contato com a terra para brincar e fazer muita bagunça e quando íamos para casa da minha avó na aldeia Barra Velha, aí sim brincávamos no quintal em meio a pés de bananeiras, mangueiras e jaqueiras para nós

era uma grande festa, como meus primos diziam, aqui é um paraíso. Na casa da minha avó tudo era feito no fogão a lenha, o café coado no coador de pano de flanela, os bolinhos feito de goma, as bananas assadas, os ovos também assado no fogão a lenha, hoje só temos lembranças boas e muita saudade da minha avó. Ela e minha mãe que sempre nos incentivou a participar da nossa cultura, desde a minha infância venho participando tanto das lutas quanto dos eventos culturais da minha comunidade, onde aprendi e venho cada vez mais aprendendo sobre minha cultura, dos saberes e fazeres dos nossos mais velhos, da valorização da Educação Indígena e Educação Escolar Indígena. Eu me sinto orgulhosa de nascer de uma família indígena, a minha família é muito guerreira, meus pais sendo analfabeto, sempre nos incentivou nos estudos, e nos criou com todo carinho e amor, nunca nos deixou faltar o que era necessário para nós. Mesmo com tantas dificuldades que passamos. Mas através das dificuldades e desafios sempre me incentivaram desde criança a valorizar e praticar a minha cultura e juntos com os nossos familiares e nossa comunidade lutamos por nossos direitos e dias melhores, sem tantos preconceitos conosco povos indígenas.

Cresci na luta aprendendo a valorizar minha cultura, costumes e tradições do meu povo. Meus pais gostavam muito quando a gente participava da roda de conversa com os anciãos e lideranças da aldeia, era muitos conhecimentos adquiridos. Eu e meus irmãos gostávamos de reunir com a nossa família para contar histórias, piadas, jogar versos, a minha mãe é muito boa nos versos, eu aprendi com ela, hoje escrevo poemas com incentivo da minha mãe. Com toda minha vivência com as atividades culturais da minha aldeia que participo e todas as ações comunitárias que promovemos são para garantir os nossos direitos que estão sendo violados a cada dia, e são através das nossas lutas juntos com os nossos mais velhos que aprendemos o valor dos saberes tradicionais do nosso povo e continuar resistindo e contribuindo com o fortalecimento da nossa cultura. Nesse tempo conheci um rapaz e começamos a namorar escondido dos meus pais, mas tudo que é escondido sempre aparece: meu irmão descobriu e contou para minha mãe, por ser muito nova meus pais não gostaram, nessa época ele tinha 16 anos e eu tinha 12 anos, namoramos durante dois anos, depois meu pai nos fez casar, foi quando descobri que já estava grávida do meu primeiro filho, e estava com 14 anos e morava com a minha irmã Sione. A partir daí que parei meus estudos para cuidar do meu filho, então meu esposo começou a construir nossa casa no terreno que ganhou de seu pai. Depois da casa construída fomos morar na nossa própria casa, foi uma alegria para nós, era tudo que meu pai queria. E assim íamos construindo nossas vidas juntos, quando meu filho completou 2 anos de idade nascia meu segundo filho. Foi uma luta cuidar de duas crianças pequenas sendo nova, mas meu esposo sempre me ajudava em tudo, trabalhava fora e quando chegava ainda me ajudava nos afazeres de casa e com os nossos filhos. Meu esposo sempre foi um parceiro e um pai presente, nunca deixou faltar nada para a nossa família, muito responsável e dedicado com tudo que faz, principalmente com seus filhos, tivemos

quatro filhos, dois casais, com tempo voltei a estudar, fiz o telecurso 2000 para adiantar meus estudos, pois tinha um bom tempo parada, o tempo que cuidei dos meus quatro filhos, concluir todo meu estudo com muita dedicação e parceria do meu esposo. Hoje com os meus filhos e toda uma rotina de correria.

Posso dizer que a minha vida foi abençoada, quando tive minha própria casa que construímos com muito trabalho, para termos um pouco de conforto e saber que foi uma luta e incentivo do meu pai a quem eu tinha uma admiração inexplicável. Mas logo vi a saúde do meu pai comprometida, e perdemos ele alguns meses após ter passado por uma cirurgia, foi difícil de acreditar e para nós uma perda inacreditável.

Depois desse período turbulento e de readaptação de nossas vidas, após um longo processo, na nossa lembrança ficou seu otimismo, sua alegria e sua determinação e isso carregarei para sempre dentro de mim. Tenho certeza de que a vida é como tem que ser, a gente não passa por nada em vão, de tudo tiramos uma lição, aprendemos e crescemos com os desafios e dificuldades que aparecem na nossa vida. E eu vou falar o que mais me motiva e orgulha, era vê que, por tudo que meu pai passou com todo sofrimento no leito de um hospital, eu nunca vi uma pessoa com tanta firmeza, não me lembro de vê-lo triste ou lamentar pela vida ou pelo que aconteceu com a nossa família. Sempre falava do seu trabalho, do cuidando da casa da família, falava dos seus artesanatos. Nos ensinando coisas novas da vida, com certeza meu pai para mim foi um herói, uma das fontes de força, inspiração, modelo de superação para agora eu estar escrevendo como pessoa e sobre quem eu sou.

Tudo que aprendi com os meu pais eu ensinei para os meus filhos, a importância de valorizar a nossa cultura e a nossa tradição, eles estudaram na Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, e já conhecem de perto todos os movimentos indígenas, pois vêm participando junto comigo e com pai que é liderança na comunidade. Sou professora indígena há oito anos, comecei substituindo os professores que saiam para as licenciaturas Interculturais, mas antes de substituir fiz uma seletiva específica na escola onde vários indígenas participaram, consegui passar na seletiva, mas no ano seguinte passei a ser auxiliar de classe na sala de alfabetização. Depois fui chamada para assumir uma sala de aula, segundo a coordenadora tinha feito um ótimo trabalho junto com a professora que eu estava como auxiliar de classe. Aprendi muito com a minha amiga, a professora Jucélia, pois ela é uma ótima alfabetizadora. Foi a partir daí que cresceu minha vontade de ser professora alfabetizadora. O meu sonho era trabalhar na minha comunidade, ensinar para as crianças da minha aldeia o que vinha aprendendo nos cursos de formação, PACTO, PNAIC e outras formações continuadas. Mas a minha vontade era me inserir em uma faculdade, em 2010 fiz o vestibular do IFBA (Instituto Federal da

Bahia) não consegui passar, mas em nenhum momento eu desanimei, continuei firme com os meus pensamentos que um dia eu conseguiria. Escrevendo, estou aqui pensando que mesmo com todas as dificuldades a vida sempre me agraciou de alguma forma.

Deus sempre cuidou de mim e da minha família. Todos nós temos um sonho, por menor que seja, devemos sonhar, deixar florescer, crescer, pois se um pode, nós também podemos. Educação é um direito de todos e ela faz toda diferença na nossa vida, ela faz a diferença na vida do nosso povo (fala do meu pai). No meu caso que terminei meus estudos aos 26 anos, sei que ainda posso agregar meus conhecimentos a essa nova geração, contribuindo com o crescimento profissional e pessoal, ajudando no que for melhor para a minha comunidade e em prol de um futuro melhor para o meu povo.

Após passar por tudo isso, sei que faltava alguma coisa na minha vida, e isso vinha me incomodando pois sempre tive muito a vontade de fazer um curso superior. Mas até então não tinha conseguido passar no vestibular. O tempo foi passando e em 2012 fiz a inscrição pela Universidade Federal de Minas Gerais, na Formação Intercultural para Educadores Indígenas, vejo a importância e parcerias que ela tem com os povos indígenas e que apresenta uma proposta específica e diferenciada de acordo a realidade de cada Povo Indígena. Dessa forma creio que essa Formação será de grande importância na minha vida e a proposta sem dúvidas contemplará a nossa realidade. Quero com essa Formação trazer mais benefícios ao meu povo e contribuir com a Educação Escolar Indígena. Acredito que enquanto indígena posso oferecer melhor qualidade no ensino e no processo de alfabetização dos meus alunos. E nessa perspectiva quero estabelecer uma relação entre o saber tradicional do povo Pataxó com o saber científico. Eu enquanto professora indígena vejo a necessidade de contribuir principalmente com a qualidade de ensino da minha comunidade. Fico feliz em ter a oportunidade de participar desta seletiva, onde eu acredito uma vez selecionada a Universidade me proporcionará novos conhecimentos, para que eu possa contribuir com a melhoria do ensino e aprendizagem na Educação Escolar Indígena, bem como fortalecer a Identidade cultural do meu Povo.

Então, falando do cacique Benedito, ele foi um grande articulador com as famílias para garantir nossas terras que foram invadidas, também foi um cacique que sempre lutou pela nossa cultura e pela Educação Escolar Indígena, reivindicava nossos direitos frente a FUNAI. Quando ele passou a ser cacique a comunidade conseguiu muito mais benefícios, e eu mesmo sendo pequena já ia para os movimentos com meus pais junto com cacique Benedito, foi a partir daí que comecei a entender que a responsabilidade de um cacique era muito grande, meus pais ajudavam muito ele, pelo compromisso que ele tinha com a nossa comunidade, meus pais tinham uma confiança no seu trabalho enquanto cacique, aonde ele ia nós estávamos junto com ele. Toda comunidade respeitava suas decisões, era um

cacique que tinha comportamento de liderança, até hoje tenho certeza de que ele pode chegar além de suas pretensões, cumpriu seu legado aqui na terra. Sempre participou, e foi sábio nas suas decisões, tinha disposição para atender qualquer família necessitada, exerceu bem seu cacicado, e assim fazendo valer a garantia do nosso território.

Desde a minha infância venho participando tanto das lutas quanto dos eventos culturais da minha comunidade, onde aprendi e venho cada vez mais aprendendo sobre minha cultura, dos saberes e fazeres dos nossos mais velhos, da valorização da Educação Indígena e Educação Escolar Indígena. Eu me sinto orgulhosa da minha cultura e da minha família que é muito guerreira, meus pais sendo analfabeto, sempre nos incentivou nos estudos, e nos criou com toda sabedoria nunca nos deixou faltar o que era necessários para nós. Mesmo com tantas dificuldades que passamos. Mas através das dificuldades e desafios sempre me incentivaram desde criança a valorizar e praticar a minha cultura e juntos com os nossos familiares, caciques, lideranças e nossa comunidade lutamos por nossos direitos e dias melhores, cresci na luta e praticando nossos costumes e tradições do nosso povo. Meus pais sempre nos incentivaram a participar dos eventos e movimentos juntos com os nossos anciãos caciques e lideranças da aldeia. Com toda minha vivência com as atividades culturais da minha aldeia que venho participando e todas as ações comunitárias que promovemos são para garantir os nossos direitos que estão sendo violados a cada dia, e são através das nossas lutas juntos com os nossos mais velhos que aprendemos o valor dos saberes tradicionais do nosso povo e continuar resistindo e contribuindo com o fortalecimento da nossa cultura. Enquanto professora indígena militante venho incentivando meus alunos a cada vez mais lutar pelos seus direitos e valorizar sua cultura.

Eu acho importante e admiro muito as lutas das nossas lideranças, principalmente quando se trata do nosso território e dos nossos direitos. Elas têm um papel significativo na nossa comunidade, E assim a gente vem valorizando e sempre trabalhando junto com elas em prol do nosso povo e participando dos movimentos e fortalecendo enquanto povos indígenas. Sei que é uma missão árdua e lutas constantes que nossas lideranças passam, são trajetória de luta principalmente com nosso território, sobre demarcação e vivência dos direitos que são violados a cada gestão, municipal, estadual e federal. Mas, caminhando e aprendendo juntos com nossas lideranças temos a responsabilidade de assim buscar dias melhores para nossa comunidade. As lideranças não medem esforço para continuar incansavelmente em busca de projetos de melhorias para o nosso povo, atuam como articuladores no processo de defender, cuidar e zelar pela sua comunidade.

Vendo e participando das lutas constantes da nossa comunidade, com as experiências vividas e vivenciadas pelos mais velhos, caciques e lideranças, eles que são nossas fontes de inspiração para nos tornarem futuras lideranças do nosso Povo. Presenciando diariamente suas lutas e dedicação, com

nossa comunidade o meu pensamento é de sempre ajudar e contribuir da melhor forma com minha aldeia. Primeiro que ser professora indígena é liderança e depois o desejo tão grande de lutar pelos nossos direitos enquanto indígenas, a gente tornar uma liderança não só da sala de aula, mas da nossa comunidade também. Dessa forma vamos participando das reuniões, das viagens, dos movimentos, entre outros eventos que as nossas lideranças mais velhas nos chama, E assim o interesse faz com que nós, nos aproximamos cada vez mais dos nossos parentes e logo se vê ajudando no que for preciso, principalmente quando a lutar é o nosso território, saúde e a nossa educação escolar indígena que foi uma luta muito grande para que tivéssemos uma educação diferenciada e específica e se temos foi graças ao nosso primeiro cacique Benedito. A gente sempre vem buscando melhores condições de vida para nosso povo, a boa convivência com todos os parentes nos leva a ser uma liderança de respeito e confiança com as lideranças mais velhas e eles nos passavam muitas experiências, para além do individual, mas pensando no coletivo. Sempre ajudei e venho ajudando minha comunidade e meus parentes no que posso, eu sempre gostei de estar no meio dos movimentos em busca dos nossos direitos e continuo fazendo o que gosto fazer que é ajudar minha comunidade e está sempre com a minha família, onde busco forças para continuar a luta e defender nossos direitos e o nosso território.

Para uma liderança exercer o papel de liderança não é nada fácil, pois muitas vezes têm que deixar sua família para buscar melhorias para sua comunidade, passam necessidades nas viagens, passam fome e muitas das vezes não são reconhecidos e valorizados por nossos parentes, quem não tem o conhecimento das lutas e percalços que já passamos pensam que é fácil ministrar nossa aldeia. As demandas das nossas comunidades são muito grandes, torna as coisas mais difícil, mas nossas lideranças não desisti fácil, com o apoio dos caciques e de toda comunidade das aldeias conseguem superar as dificuldades e os desafios encontrados em meios aos caminhos percorridos em buscar de benefícios para melhoria das nossas aldeias. O trabalho das lideranças nos mostra que quando trabalhamos com amor somos capazes de vencer e superar os obstáculos que aparecessem em nossos caminhos. Muitas vezes as coisas não dão certo quando pensamos em benefício próprio e não no coletivo, qualquer cacique ou liderança devem pensar sempre em prol da sua comunidade como um todo. Com as dificuldades ou não cabe a cada aldeia junto com seu grupo de lideranças enfrentar e superar nossos objetivos. Juntos sempre lutamos para manter a preservação da nossa identidade, da nossa cultura e nossos costumes, os caciques e nós lideranças estamos sempre em busca de melhorias e de manter viva as nossas tradições na nossa comunidade.

Antes os caciques eram mais próximos da sua comunidade, ajudava mais o seu povo, tinham um conselho de liderança mais ativos na luta, ajudando nas reivindicações, na melhoria da aldeia. Sempre reunia com seu povo para passar e discutir como seria seus trabalhos na nossa comunidade, sua

participação na aldeia e fora da aldeia quando saiam em busca de benefícios e o bem-estar de seu povo. Mostrava que tinha mais compromisso com nosso povo, hoje sua atuação enquanto cacique, muitas vezes não são mais respeitados quanto antes na comunidade, desde quando a política (politicagem) entrou nas nossas comunidades tudo mudou, tem cacique que não pensa mais no coletivo, não pensa na sua comunidade, muitas vezes buscar melhoria só para sua família, enquanto seus parentes passam necessidades. Vejo que não é um ser mais responsável, comprometido ao que se diz respeito às nossas lutas como antes, um líder precisa ter responsabilidade para com seu povo, ele sempre deve contribuir e organizar os movimentos em busca de melhorias para sua comunidade. Um cacique por ser um líder maior sempre teve ter o reconhecimento, confiança e o respeito da sua comunidade, hoje é difícil valorizar e considerar o termo cacique em algumas comunidades, e isso é extremamente constrangedor para nosso povo no contexto que estamos vivendo atualmente, pois são neles que deveríamos confiar pois estão à frente na base em nossas comunidades, que o certo seria está lutando pelos nossos direitos e por nossa comunidade em geral, a existência de um cacique é fundamental para fortalecimento comunitário e devem demonstrar seu compromisso e responsabilidade com seu povo, aprendi isso com nosso eterno cacique Benedito.

A existência dos nossos movimentos de lutas seja ela, municipal, estadual ou federal é fundamental que o cacique esteja de bem com sua comunidade porque só assim se consegue reivindicar qualquer melhoria e a união do cacique com seu povo mostra forças para lutar e vencer as batalhas em prol dos direitos que a cada dia estão sendo violados pelos governantes, que esses mesmos acabam corrompendo os caciques e lideranças da nossa comunidade.

6.2. Cacique Macuco, Nengo Pataxó



Figura 8 - Cacique Nengo Pataxó.

Geraldo Alves do Espírito Santo é seu nome de batismo, mais conhecido como Nengo ou Macuco cacique da Aldeia Aroeira é filho de Pedro do Espírito Santo e de Carmelita Alves do Rosário. Nengo nasceu em 5 de abril de 1963, hoje com 60 anos ainda lidera uma comunidade. Há 46 anos quando Benedito entrou para ser cacique, Nengo estava junto com seu irmão nessa época ele conta que tinha 18 anos de idade e que foi um dos fundadores da terra indígena.

Os mais velhos têm um dizer que não se vira liderança, já nasce liderança com o tempo e com as vivências esse chamado vai se aprimorando, na época em que atendeu esse chamado estava precisando de um grupo de lideranças para guiar o povo da aldeia, isso foi logo quando estava iniciando a aldeia Coroa Vermelha, o papel de uma liderança vem com muita responsabilidade e muitas vezes esse trabalho feito pelas lideranças não é reconhecido, ele é reconhecido por outras instâncias pois ele é um líder da comunidade escolhido pelos moradores da aldeia.

Cacique Nengo diz que algo que marcou quando Benedito era cacique foi que Benedito nunca pensou em ser uma liderança ele segurou a responsabilidade:

“Bené era analfabeto, mas ele deu início 1492 hectares, ele era guerreiro, corajoso, paciente, sempre lutando, no seu último suspiro me pediu para não abandonar a luta do nosso povo, porque tinha muita coisa para resolver para nosso povo. Benedito também deu início ao processo de demarcação das terras de Coroa Vermelha, foi um líder de muito orgulho. Ser liderança tem muitas coisas boas, mas

também tem muitos desafios, pois tem vezes que dá vontade de desistir, mas não consegue, porque falta muita coisa para melhorar. Eu junto com as famílias fundamos a aldeia Aroeira há 20 poucos anos, liderar é cansativo é perigoso pois a carga é pesada, mas continuo resistindo. O meu sonho enquanto vivo é ver meu povo em um lugar seguro e no pedaço de terra que posso dizer que é nosso, demarcado”.

6.3. Cacique Aruã



Figura 9 - Cacique Aruã.

Cacique Arapati Pataxó, mais conhecido como Benedito Cacique, ele é meu tio por parte de mãe e minha relação com ele é de parentesco, de amizade tendo como um dos principais líderes do povo pataxó, inclusive na aldeia Coroa Vermelha pessoa que pegou pra si também na luta territorial principalmente a agricultura com grandes esforços e fez a luta graças a Deus conseguimos ganhar ai a agricultura e hoje moram 135 famílias, então a pessoa que sempre batalhou pelo território, pelo social da aldeia pataxó Coroa Vermelha e mantendo sempre na retidão, na honestidade uma pessoa simples semianalfabeto mas com um conhecimento vasto sobre a luta indígena com uma grande experiência de vida de luta pra ajudar a sua comunidade.

A minha participação na comunidade eu estive primeiro como vice-presidente e presidente na associação de ecoturismo da reserva pataxó da jaqueira de 1999 a 2004 fazendo o trabalho da gestão

administração da reserva o trabalho de educação ambiental, afirmação cultural e preservação do meio ambiente, hoje a reserva se tornando referência de Etnoturismo em terra indígena no Brasil.

Também fiquei 2 anos como professor de patxôhã, geografia e história na Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha de 2002 a 2003 se não me engano, e posteriormente em 10 Agosto de 2004 fui indicado por Carajá o nosso até então Cacique para assumir a função de Cacique de Coroa Vermelha, juntou todos os clãs a situação e oposição para poder indicar meu nome para poder estabilizar a situação da Aldeia de Coroa Vermelha, na época tinha 2 Cacique era Carajá e Peroá, como Peroá fazia parte da família dialogou para poder deixar só um único cacique e eu assumir de 10 de Agosto de 2004 até 17 de Agosto de 2021, e também de 2013 a 2016 assumi o mandato de vereador no Município de Santa Cruz Cabralia, sempre trabalhei dando apoio, ajudando e articulando a escrever projeto e fazia trabalho assessorando as lideranças, por que em 96 eu concluí meu curso de formação curso profissionalizante em Administração isso facilitaria o trabalho de assessoramento as lideranças, atualmente eu tenho 3 cursos superiores, sou bacharel em administração, pós-graduado em gestão pública e pós-graduado em fitoterapia, além de dois cursos técnicos: em psicoterapia holística e terapia- holística.

Primeiro a liderança é importante para comunidade assim como a comunidade é importante para a liderança, não existe comunidade sem liderança e não existe liderança sem comunidade porque quando temos um grupo de pessoas que se formam comunidade um grupo de famílias precisa ter pessoas a frente lideranças para poder coordenar os trabalhos as atividades da comunidade, orientar, corrigir se preciso, aconselhar e também representar a comunidade junto as estâncias de governo e na sociedade que é representar os interesses daquela comunidade daquele grupo de pessoas a sociedade ou as instituições de acordo as suas demandas tanto na questão territorial, educação, saúde, projeto de desenvolvimento comunitário, infraestrutura, habitação e todos os outros.

A comunidade é muito importante, uma liderança é muito importante na luta por que você vai representar os interesses da coletividade por que não são todas famílias que vão sair a frente da luta ou vão sair um grupo de famílias pra poder ir fazer reivindicações junto ao governo nem sempre terá essas condições mas existe as lideranças para poder representar esses interesses em frente as instituições e órgãos de estado.

Já vinha com experiência de formação, sou membro do clã dos Braz, minha vó Emília Braz da Conceição é Braz de pai e mãe, meu avô Benedito Onça, ou Hemugãy – ele também já foi liderança na Boca da Mata, vice cacique e cacique, trabalhou por vários tempos também ajudando as comunidades.

Então já venho de um clã de lideranças e com a minha formação e tá assessorando as lideranças em Coroa, me colocou em um local de destaque e representar um povo, então foi por meio de conhecimentos e de serviços prestados, a pessoa não cai de paraquedas e dizer agora eu sou liderança, você precisa mostrar sua capacidade de diálogo com a comunidade sua capacidade de fazer articulação correr atrás de ações de projetos e ter uma experiência, por que não pode tá colocando uma pessoa inexperiente em frente da luta não saber como direcionar os trabalhos então por isso precisa de pessoas que tenham um pouco de experiência pra poder tocar a luta se não vai ficar batendo cabeça.

A trajetória de vida ou de luta é ter muitos percalços tendo em vista que ser liderança não é pra qualquer pessoa você precisa primeiro ter o respeito da comunidade e das famílias ter a confiança, ser uma pessoa de credibilidade para fazer a representação dos interesses da própria comunidade e os desafios é você fazer essa interrelação entre interesses individuais da comunidade e da família entre os interesses coletivo da comunidade e das famílias por que muitas vezes os interesses particulares e individuais se afloram e acabam desviando o foco ou mesmo os conflitos internos então o desafio muito grande é você trabalhar o individual coletivo fazer esse trabalho de conscientização um dos maiores problemas é os conflitos de terra, disse me disse, problemática entre uma pessoa e outra tendo em vista os interesses individuais e particulares ou mesmo por emprego que na atualidade o maior empregador hoje dentro da comunidade indígena é a educação e saúde por meio do seu quadro funcional então muitas vezes esses problemas essa luta é pela questão da posição e outro desafio é a defesa dessa comunidade por interesses da demarcação de terras da melhoria da educação, saúde, da qualidade de vida por meio desses projetos de desenvolvimentos comunitário e fazer esse diálogo externo com instituição de governo ter pessoas enfrente junto com as lideranças para fazer esses documentos e projetos para pleitear recursos um dos maiores desafios das lideranças hoje é que um dos maiores quadro que temos, tem pessoas que não tem grandes instruções, isso dificulta por que para iniciar qualquer processo junto ao governo é necessário ter um documento formal um ofício, um projeto uma e muitos dos nossos caciques não tem essa habilidade então um dos grandes desafio é fazer entrelaçar o conhecimento tradicional com o conhecimento técnico ou acadêmico, as lideranças mais jovens ou professores e estudantes ajudam essas lideranças tradicionais elaborar essa documentação e esses projetos. A transmissão das problemáticas os anseios antigamente era na oralidade, hoje você precisa usar tanto a oralidade quanto o papel escrito para poder pleitear qualquer recurso a nível de governo.

Antes o tratamento era mais na oralidade, nossas lideranças não tinha o poder da escrita tudo era na base da fala ou a FUNAI tinha essa representação de auxiliar ajudar os caciques fazer essa representação formal, então as lideranças indígenas se tratavam mais na oralidade que era colocar com

um grupo menor de famílias era melhor de administrar e como hoje temos outros interesses tanto nos interesses de a sociedade envolvente, a tecnologia, melhoria na qualidade de vida o dinheiro em si, antes se vivia da pesca, a agricultura para ter a sustentabilidade hoje precisa comprar seus gêneros alimentícios, roupa, celular e assim por diante então antigamente era mais fácil por causa de não ter essa especulação financeira antigamente as pessoas trabalhavam para sobreviver e não para juntar e também para construir um patrimônio financeiro, quanto de patrimônio de imóveis e no mundo atual você precisa fazer essa adequação, da liderança tradicional e da liderança técnica e científica pra esses dois conhecimentos andarem juntos para poder melhorar a qualidade de vida a representação que vivemos em uma localidade que precisa de comprar em supermercado então tem que trabalhar de outro formato.

6.4. Uhituwé Pataxó



Figura 10 - Uhituwé Pataxó.

Um pouco sobre a vida e trajetória de Benedito Cacique por Uhitwé

Benedito Alves do Espírito Santo nasceu em 08 de abril de 1953, na aldeia Barra Velha, a aldeia Mãe do povo Pataxó, no município de Porto Seguro (BA). Em 1980, ele se muda para a aldeia Coroa Vermelha, local em que Pedro Álvares Cabral e sua tripulação teriam desembarcado em 1500.

Quando se vai um mais velho, liderança de um povo, ele não morre: se encanta. Benedito Cacique, primeiro cacique da terra indígena Coroa Vermelha, encantou-se no dia 20 de setembro de 2023. Encantar-se, aqui, quer dizer que ele agora habita o território sagrado dos Encantados e Encantadas e, de lá, olha e cuida dos seus.

“Sábado (20) nós plantamos ele. Quando os nossos morrem, nós não enterramos, nós plantamos. Porque sabemos que ele estará sempre no reino dos Encantados cuidando de cada um de nós”, explica Uhitwé Pataxó, atual vice-cacique da aldeia Coroa Vermelha, sobrinha e afilhada de Benedito.

E, nesse momento histórico tão atribulado, com tantos ataques aos direitos dos povos indígenas, esse mais velho que sempre lutou pelos direitos do povo Pataxó e demais povos, certamente estará muito ocupado em cuidar dos que ficaram.

Uhitwé conta que, quando seu padrinho chegou à Coroa Vermelha, poucas famílias moravam lá. A retomada desse território, possivelmente, iniciou na década de 1970. “Na época, junto com outras lideranças, ele já fazia essa busca por melhorias, como escola e posto de saúde”, diz. Os primeiros prédios que abrigaram escola e posto de saúde foram construídos de tábuas pela própria comunidade. Alguns anos depois, a comunidade de Coroa Vermelha decidiu que era necessário eleger um cacique que liderasse o povo na luta por direitos. “E ele foi o primeiro cacique da Coroa Vermelha, eleito pelo povo.

“Benedito Cacique começou sua trajetória de busca pela demarcação da aldeia Coroa Vermelha”, conta Uhitwé. “A demarcação só viria, de fato, em 1997, quando Benedito já tinha passado o posto ao seu sucessor. Durante todo o seu período de cacique na comunidade, ele sempre foi muito parceiro, muito companheiro, ouvia a todos, buscava a opinião de todos, liderava junto com todos”, lembra a vice-cacica. Ela afirma que um dos grandes legados de seu padrinho foi justamente seu modo de liderar junto com seu povo.

A incessante luta pelo povo e a conquista da efetivação de direitos à saúde e educação também são legados importantes da atuação de Benedito Cacique, sempre lembrados pelos seus. “Com todo esse conhecimento tradicional, ele trouxe para nossa comunidade escola, posto de saúde e foi fazendo a diferença para as novas gerações. Um legado que todos conhecem e reconhecem”, afirma Uhitwé.

Outra semente lançada por Benedito pontuada por sua sobrinha é a construção da escola. Atualmente, a escola indígena, construída em 2000, está em vias de se tornar um projeto modelo no município.

“Infelizmente ele não estará mais aqui junto com todos nós para ver essa semente que ele plantou em 1983”, lamenta. Uhitwé destaca que a semente plantada por seu tio não germinou apenas em um prédio - escolar, mas em toda uma geração de jovens indígenas que tiveram acesso à educação escolar e, por isso, conseguiram se formar médicos, advogados, enfermeiros, professores e tantas outras profissões que estão atuando também de volta na comunidade. “Tudo isso nós devemos a essa garra, a essa luta, tanto de Benedito Cacique, quanto do seu corpo de liderança da época, que fizeram tudo isso acontecer”, defende.

Ela mesma pontua a influência de Benedito Cacique em sua vice-liderança atualmente. “Ele era o meu conselheiro. Para eu aceitar o convite para ser vice-cacica, eu tive que pedir esse aconselhamento, para saber o que ele pensava”, conta. E só aceitou depois de receber a bênção do padrinho. Sementes que ele plantou e germinaram. E, agora, Encantado, certamente Benedito Cacique seguirá cuidando.

A aldeia Coroa Vermelha foi uma das tantas áreas de retomadas do povo Pataxó que surgiu após o massacre que ficou conhecido como Fogo de 1951, quando a aldeia mãe, Barra Velha, foi invadida e incendiada. O ataque foi promovido pela polícia, após receberem falsas denúncias de que um grupo de indígenas teria cometido crimes em Porto Seguro. Todas as casas da comunidade foram queimadas e muitas famílias decidiram sair da aldeia por medo de sofrer outras violências.

Após muitos anos de luta, o território indígena Coroa Vermelha foi finalmente demarcado em 1997, mas parte do território reivindicado pelos Pataxó ficou de fora da área demarcada. Essas áreas começaram a ser retomadas por volta dos anos 2000, gerando intensos conflitos e tensão com fazendeiros e grileiros da região.

Durante as comemorações dos 500 anos do “descobrimento” do Brasil, em 2000, diversas famílias foram retiradas da Coroa Vermelha para construção de estruturas de turismo, gerando diversos impactos na vida dessas famílias e de toda a comunidade. Em 2003, foi feita a primeira retomada. A relação de Uhitwé, mas conhecida como Maria D'Ajuda com benedito era de confiança pois, ele é meu padrinho e conselheiro, minha participação na comunidade sempre foi muito ampla desde a saúde, educação, projetos sociais e principalmente na questão territorial.

A luta de uma liderança na comunidade ela é muito importante pois é através da liderança que se faz a frente aí da grande luta, a luta pela educação, pela saúde, território e projetos sociais então são através dessas lideranças que esses trabalhos acontecem dentro da comunidade, as lideranças na comunidade tem um papel fundamental para o desenvolvimento dessa comunidade.

Eu costumo dizer que não se torna liderança a gente já nasce liderança, cada pessoa tem uma trajetória aquela que nasce com espírito de liderança desde pequenininho ela já faz esse papel de liderança, começa desde cedo participando do movimento participando das ações dentro da comunidade se interessa pela saúde pela educação pelos projetos que está sendo desenvolvidos dentro da comunidade começa sendo uma trajetória de uma pequena liderança começa desde cedo fato acompanhar reuniões na comunidade então essa termina sendo de luta.

Eu comecei sendo liderança dentro da comunidade da aldeia Coroa Vermelha em 2006 eu fui convidada pra fazer parte do conselho de liderança e até então comecei a partir daí participando de tudo, mas não dentro do corpo de liderança sim fora desse corpo, desde de 2006 entrei no conselho de saúde indígena e em 2021 fui convidada para vice cacique.

A trajetória de uma liderança é muito árdua de muita luta pois enfrentamos vários desafios , desafios esses que o principal deles é a questão territorial a qual nós sofremos e lutamos pela demarcação de nossas territórios, fazemos uma luta árdua pela educação dos nossos territórios ,pela saúde, então a trajetória de uma liderança ela é muito árdua de muitas lutas, são de muitas viagens muitas idas e vindas em busca de melhorias para comunidade , então é muito difícil ser liderança dentro de uma liderança precisamos estar constantemente cuidando do nosso povo cuidando para que nosso povo esteja em segurança então tratar de tudo isso diante de vários conflitos é muito complicado, você manter as pessoas que estão aos seus cuidados em segurança é muito difícil principalmente nas questões territorial onde os conflitos acontecem em que o cacique com suas lideranças precisam tá sempre ciente dos perigos pra não colocar os seus em risco, então assim termina sendo uma luta árdua para a liderança fazer todo esse trabalho dentro da sua comunidade.

No meu ponto de vista não há diferença entre ser liderança antes e agora , pois os mesmos desde sempre vem fazendo as mesmas a luta que é pela educação, demarcação e saúde que são os três pilares muito forte na comunidade na luta da população indígena, a diferença que tem é que as lideranças enfrentavam, é que antes havia muita dificuldade de acesso onde esses caciques precisavam andar por vários dias para chegar até uma capital, onde eles iam fazer as suas reivindicações na época muito forte nesses três pilares essa é a grande diferença de acesso por que hoje tem ônibus carro, avião pra travar uma luta. Quem tem condições vai de carro, porém a luta continua a mesma com a mesma dificuldade com maior acesso pra chegar mas a mesma luta pra uma educação de qualidade saúde de qualidade para que esteja seu território demarcado, para uma pessoa não chegar, para tirar a luta é a

mesma com condições diferente em época diferente, e ainda falando da diferença, vinha os caciques que não tinham o saber da leitura mais tinham o saber incrível de conhecimento que muitos que tem a leitura não tem então essa também é uma grande diferença, hoje nós temos caciques que tem estudo que são formados em ensino médio e outros ensino superior, mas o saber dos nossos anciões que estão aí sem palavras pra descrever da inteligência da sabedoria que eles tem e por muitas vezes, a tomada de nossos territórios acontecia por esse motivo também, pelas pessoas que tinham conhecimento da leitura enganavam o nosso povo assinar papéis ou colocavam o dedo ali no papel em documentos e dessa forma éramos enganados e terras tomadas por que os nossos lideranças não tinham o saber da leitura, dessa forma a luta constantemente foram enganados por não dominar a leitura então dessa forma nossas terras eram tomadas são sabiam que estavam dando uma parte das terras essa é a diferença de uma liderança de antes e da atualidade.

Falar de Benedito cacique faltam palavras pra descrever um homem que era íntegro um homem de um coração imenso que cuidava do seu povo com muita sabedoria com muita sabedoria com coerência era um conselheiro nato desde o mais velho ao mais novo um homem respeitado por todos quem nessa comunidade Coroa Vermelha não conhecia Benedito Cacique e outras comunidades também pela sua trajetória de luta de corrida em busca da demarcação do território junto com suas lideranças ele foi o primeiro cacique ele fez uma trajetória linda dentro de Coroa conseguiu junto com as demais lideranças correr da demarcação da aldeia Coroa Vermelha ele partiu deixando um legado muito lindo uma história maravilhosa uma pessoa que sempre estava pronto pra aconselhar e um dos pontos marcantes que tenho com ele dentro de vários que tive com ele por ser meu padrinho por sempre tá pedindo conselho conversando uma das partes muito marcante são duas muito marcantes uma delas foi quando fui convidada a ser vice cacique fui conversar com ele pedir o conselho do que ele achava o que ele me aconselhava se eu aceitava ou não ser a vice cacique por que pra mim a opinião dele era muito importante pra mim o que ele me dissesse eu ia tá fazendo por que a opinião e o conselho dele era muito importante e ele me aconselhou a aceitar o convite que era muito importante eu como mulher ser convidada pra ser vice cacique e eu tinha que aceitar sim aquele convite então assim ele foi fundamental pra minha decisão de aceitar ser vice cacique na minha comunidade e um dos fatos importantes com Benedito cacique o meu padrinho e conselheiro o qual me faz muita falta hoje sei que não só pra mim mas para muitas pessoas, para os filhos, mas ele me faz muita falta mesmo em momentos em que eu preciso desse ombro de padrinho pai desse conselho de uma tomada de decisão de ter aquela pessoa na qual sentava pra conversar e pedia esse conselho de que caminho seguir nesse momento de tomada de decisão ele foi muito importante pra minha vida que deixou um legado imenso não só no território de Coroa Vermelha como o território de barra velha no qual ele nasceu e

veio pra cá ainda muito jovem e continuou a sua trajetória de liderança aqui então sem palavras pra descrever o quanto Benedito foi importante na minha vida.

6.5. Cacique Yamaní



Figura 11 – Cacique Yamaní.

Meu nome é Maria das Dores Florêncio de Jesus, indígena é Yamaní Pataxó, que significa protetora dos Rios das águas doces. Eu nasci próximo ao rio |Mutarí em Coroa Vermelha um pouco mais acima, o nome de minha mãe é Olinda Assunção e meu pai era Tupinambá se chamava Manoel Elias, nasci em 17 de Fevereiro de 1962, tenho 62 anos casei aos 17 anos com Crispim Nicácio de Jesus Filho de Guiomar e Lúcio os dois fundadores da aldeia Juerana , sou mãe de cinco filhos vivi 25 anos com meu esposo, há vinte anos atrás ele nos deixou foi morar com Tupã, tenho 20 anos de viúva, hoje tenho 18 netos, dois bisnetos e tô a vinte anos como cacica da Aldeia Juerana , assim que meu marido nos deixou ,que era ele a liderança daqui da aldeia Juerana na ausência dele me escolheram pra ficar afrente dos trabalhos e agora em Outubro fiz 20 anos de cacicado.

Minha infância foi toda aqui em Coroa Vermelha, ali naquela região que é a Agricultura hoje meus avós moravam ali e sempre vivi ali até os 17 anos, com 17 anos me casei e vim morar onde hoje é aldeia Juerana.

Depois que meus filhos nasceram pegaram idade de escola voltei para Coroa pra eles estudarem, tenho 3 filhas mulheres dois homens um filho ano passado papai do céu levou fiquei com um, hoje está comigo 4 filhos.

A relação minha com Benedito nós fomos criados juntos eu era criança e ele rapaz, convivemos muito juntos, dona Carmelita e Pedro Marculino os pais dele e minha mãe, meu pai e meus irmãos, mas ele ficava um pouco distante por que ele trabalhava na cerraria em Santa Cruz Cabralia, vinha pra Coroa os finais de semana e resultou disso tudo ele sendo meu cunhado, ele foi casado com minha irmã Isabel quase por 40 anos até Deus levar ela.

Minha participação na comunidade de Coroa Vermelha, foi junto com meu marido Crispim pois no cacicado de benedito ele trabalhou como liderança e eu junto com ele ajudando nos eventos, nas reuniões, nas retomadas, fui vice-presidente da associação comunitária da aldeia Coroa Vermelha fui presidente da agricultura então sempre a minha participação foi grande desde a minha juventude até a minha idade foi participando como liderança na comunidade de Coroa Vermelha.

Porque é importante a luta de uma liderança ser uma liderança é preciso ter amor pelo que faz saber entender o seu povo, ter o seu conhecimento cultural e ter também humildade pra compreender os parentes, então o trabalho de liderança que trabalha ali junto com seu povo ele tem que ter dedicação, paciência, tem que ter sabedoria a cima de tudo tem que saber ouvir, então é muito importante o trabalho de uma liderança dentro de uma comunidade.

Eu me tornei liderança junto com meu esposo, como ele trabalhava eu fui mostrando o meu trabalho juntamente com ele e Benedito cacique, a minha irmã e outras lideranças feminina dentro da comunidade de Coroa Vermelha.

Trajetória de uma liderança se dá muito com seu trabalho, sua dedicação e seu desempenho na comunidade e os desafios 'pra mim os maiores desafios é quando eu vejo meu povo sendo despejado de dentro do seu território eu vejo meu povo passando necessidade e eu como liderança não posso fazer nada a gente fica à mercê de outras pessoas não indígenas que possam vir, pra mim o maior desafio é não ter o nosso território demarcado.

Há vinte anos estou como cacique, a minha atuação como liderança, sabe que liderança está abaixo de cacique, então estou atuando como cacique da minha comunidade aldeia Juerana.

Esses avanços e conquistas da comunidade de Coroa Vermelha tem a ver com o cacique Benedito, ele ficou como cacique 11 anos no 1º período, no período mais crítico de Coroa Vermelha onde a gente estava lutando pela demarcação das nossas terras, aí a demarcação saiu já sobe administração de carajá mas todo processo foi com Benedito, é igual prefeito um começa e a outro finaliza, depois Benedito voltou então a administração que nós tivemos dentro de Coroa Vermelha feita por um cacique foi a dele, sabia ouvir, sabia dialogar, você nunca viu ele com arrogância, nunca viu ele querendo ser superior aos outros, você nunca viu ele maltratar uma família, então foi das melhores administração, da melhor liderança que a comunidade de Coroa Vermelha pode ter, ele nos deixou mas deixou muito aprendizado era um líder que tinha uma sabedoria muito forte , falar da administração de Benedito não tenho o que falar senão elogios.

Um trabalho muito marcante que ele fazia era lutar pela união da sua comunidade, ele não queria saber de desunião, quando ele foi cacique da primeira vez Coroa Vermelha era uma aldeia dividida, muitas brigas muitas desavenças mais ele acabou com isso, essa é uma coisa marcante que nunca se apaga da minha memória , marcou muito minha vida de ver ele com aquela sabedoria , no meu caso que vivi e vi tudo isso aí falar de Benedito é até um momento de emoção a gente lembrar daquela paciência dele resolvendo as coisas na maior calma, mesmo que a pessoa estivesse bravo não tinha nem como alterar a voz com ele, é uma coisa muito marcante.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizo meu trabalho agradecendo a Niamisũ que me deu força e saúde para chegar até aqui, gostaria de agradecer cada entrevistado que me ajudou trazendo riqueza e conhecimentos para meu trabalho falando um pouco da trajetória e luta do primeiro cacique de Coroa Vermelha, Benedito Cacique, contribuíram com suas vivências que obtiveram nos movimentos e lutas junto a Benedito, agradecer a Silvaní Bomfim que me ajudou com a revisão do trabalho e parceria na elaboração do cordel. Neste trabalho procurei contar um pouco da trajetória do primeiro cacique de Coroa Vermelha, quais os desafios que uma liderança passa, sua contribuição para a comunidade tanto nos projetos quanto na sua ajuda para organização da aldeia.

Sabemos o quanto é difícil, invisibilizado e que muitas vezes não é reconhecido o trabalho da liderança, por isso que devemos valorizar cada uma das nossas lideranças, eles lutam bastante para que possamos ter melhores condições na saúde, educação e territorial. São inúmeras demandas que surgem na comunidade para a liderança resolver, eles tem feito muito pelo nosso povo desde o início quando Benedito foi o primeiro cacique até agora nos dias de hoje que ainda vem se lutando contra as

Pls que tentam usurpar nossos territórios e direitos. São muitas lutas contra alguns governantes que tentam tirar nossos direitos, os caciques lutam incansavelmente para continuarmos praticando as nossas tradições, costumes e fortalecendo a educação escolar indígena.

Acredito que na medida do possível conseguir alcançar o objetivo proposto pelo meu trabalho de Percurso, dei o meu melhor, me ajudou a desenvolver habilidades que eu não tinha e me fez crescer profissionalmente, tenho ciência que tenho muito a melhorar mas acredito que mesmo assim tenho contribuído para melhoria da minha comunidade, continuo o legado que Benedito começou lá atrás mas que contribuiu para que eu tivesse oportunidade de cursar o ensino superior, acredito que tanto da família de meu pai quanto de minha mãe eu sou a primeira a conseguir chegar fazer uma graduação, isso foi possível através da luta e visão de uma liderança que acreditou e buscou melhorias para uma educação escolar indígena diferenciada e essa pessoa foi o primeiro cacique de Coroa Vermelha, Benedito cacique.

Hoje colho o fruto de uma semente que foi plantada há muitos anos, deixo aqui minha homenagem em memória e minha gratidão a Benedito.

REFERÊNCIAS


FERREIRA, SILVANI. B. **A escola indígena pataxó Coroa Vermelha e sua história.** Trabalho de Conclusão de Curso. Santa Cruz Cabralia, BA: UFMG/FAE/FIEI, 2016. Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Língua, Artes e Literatura.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MATOS, MAYNE. F. **História de vida e luta de Guiu Pataxó.** Trabalho de Conclusão de Curso. Santa Cruz Cabralia, BA: UFMG/FAE/FIEI, 2016. (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígenas, Habilitação em ciências da vida e da natureza) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

créditos: [BdF Bahia](#) entrevista com whitué Edição: Vivian Virissimo

ESPÍRITO SANTO, Benedito Alves. **Comunicação Pessoal.** Santa Cruz Cabralia. 22 de setembro de 2021.

ANEXOS: DOCUMENTOS E FOTOS

 FUNAI Fundação Nacional do Índio MINISTÉRIO DO INTERIOR	<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; margin-bottom: 5px;">Proc. 1070/79 Fl. 39 R. JRB</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 2px;">Proc. 0674/86 Fl. 053 R. JRB</div>	=04=
---	--	------

Cont. CT.003/PRESI/Nº 429 /88


A aldeia está dividida em duas facções. Em 1986, era habitada por 174 índios, sob a liderança do cacique Benedito, e de 48 índios sob a liderança do cacique Alberto E. Santo, mais conhecido como cacique Itambé. Atualmente a facção liderada pelo cacique Itambé reivindica o antigo limite - 5.330 ha - eleito pelo GT instituído pela Portaria 1922/E de 12.08.1985.

III - SITUAÇÃO ATUAL

O levantamento fundiário procedido pelo GT instituído pela Portaria 2016/E de 27.02.1986, registrou a presença de 13 proprietários, tendo sido as benfeitorias avaliadas em 8.645,95 OTNs.

A população da Terra Indígena Coroa Vermelha levantada em 1986 é de aproximadamente 240 pessoas.

Atenciosamente,


ROMERO JUCÁ FILHO
Coordenador do GT.1

SUAF/sb

SEP Quadra 702 Sul
Edifício Lex, 3º andar
CEP 70.550 Brasília D.F.

Nº	0694786
Fls.	174
Assinatura	[assinatura]
Data	19/07/79
Assinatura	[assinatura]

48 índios. Outras 13 pessoas residem na área permanecendo-se sempre na área vivendo em harmonia com todos. Totalizam-se então 235 pessoas.

As casas alinham-se dos dois lados da rodovia BR-367. No final do arruado estão as casas das famílias que seguem a liderança do cacique Itambê, aglomerados em precárias condições, sem o espaço necessário entre as casas. (foto 3). Embora ao longo do arruado residem Pataxó sob a chefia do Cacique Itambê, o maior número de casas pertence principalmente aos que estão sob a chefia do cacique Benedito.

Em função da facilidade da venda do artesanato, a população tem aumentado constantemente. A área tem recebido principalmente os índios de Barra Velha que, impressados na pequena parte de terra que lhes restou saem em busca de melhores oportunidades e lugar para plantar.

A aldeia conta com 40 casas, algumas delas semi-acabadas outras em construção. As casas tem base circular, paredes trançadas com ripas, com cobertura de barro, o teto em forma de cone, coberto de palhas, as quais compram no comércio da redondeza. Afirmando que seus antepassados as construíam deste modo, demonstrando o esforço para retomar os costumes antigos.

Na esfera política, encontramos caciques, sub-caciques e conselheiros, cada qual com suas atribuições específicas. /

O cacique Benedito foi escolhido pela comunidade numa reunião em 26.06.85. Ao cacique compete "dirigir nossos destinos, bem como nos representar perante a FUNAI" e aos conselheiros: "dar conselho a pessoa que faz coisa mal feita, qualquer coisa. Assim para dar um conselho".

O cacique Itambê é antigo na área e reconhecido como chefe por outra parte da comunidade.

As festas geralmente são as comemorativas de São Sebastião, 20/01 e dia dos Reis 06/01. Todos os anos, 26/94, a Prefeitura de Santa Cruz

L468

Decreto garante posse da terra aos pataxós de Coroa Vermelha

Foto: AE

Coroa Vermelha (da Sucessal Extremo Sul) - Coroa Vermelha é terra indígena pataxó. O ministro da Justiça Renan Calheiros entregou, ontem, ao cacique Carajá, o decreto de homologação, assinado pelo presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, garantindo a posse permanente dos 1.492 hectares da área aos índios pataxós. Após 27 anos de luta pela terra, a comunidade indígena recebeu a comitiva do ministro com uma grande festa, que registrou a presença de mil pessoas, além do presidente da Funai, Silvestre Sullivan de Oliveira; do presidente da Comissão Nacional pelas Comemorações do V Centenário do Brasil, Lauro Moreira; e dos caciques Raoni e Megaron, entre outros. Durante a solenidade, Renan Calheiros garantiu, aos não-índios que deverão sair de Coroa Vermelha, que serão reassentados e receberão as indenizações pelas benfeitorias.

Os pataxós, pintados de vermelho e preto, foram recepcionar o ministro da Justiça no aeroporto de Porto Seguro, acompanhados por funcionários da Funai e pelo prefeito de Santa Cruz Cabrália, Geraldo Scaramussa. Já em Coroa Vermelha, o bispo da diocese de Eudópolis, dom Edson de Oliveira, celebrou uma missa na capela de Nossa Senhora da Esperança, comemorando o direito dos pataxós, reconhecido pelo governo federal.

Num palanque montado bem próximo ao monumento à primeira missa rezada no Brasil, o ministro da Justiça Renan Calheiros assinou e entregou o decreto de homologação da terra indígena ao cacique de Coroa Vermelha, Carajá, e as lideranças Nengo e Sarakura. "O presidente



O ministro da Justiça Renan Calheiros e os índios pataxós: fim de uma luta pela terra que durou 27 anos

Fernando Henrique Cardoso já demarcou 30 milhões de hectares de terra, o que significa a metade de todas as terras demarcadas até hoje, nós vamos demarcar mais 150.000 hectares, incluindo os 1.492 de Coroa Vermelha, onde reagatamos um compromisso histórico com os índios pataxós".

Mais de 500 índios participaram da festa vestidos com as tangas de palha e cocares feitos com penas de pássaros. Armados com arcos e flechas dançaram o toré na Praça do Cruzeiro, de Coroa Vermelha, enquanto os turistas de várias excursões observavam curiosos o movi-

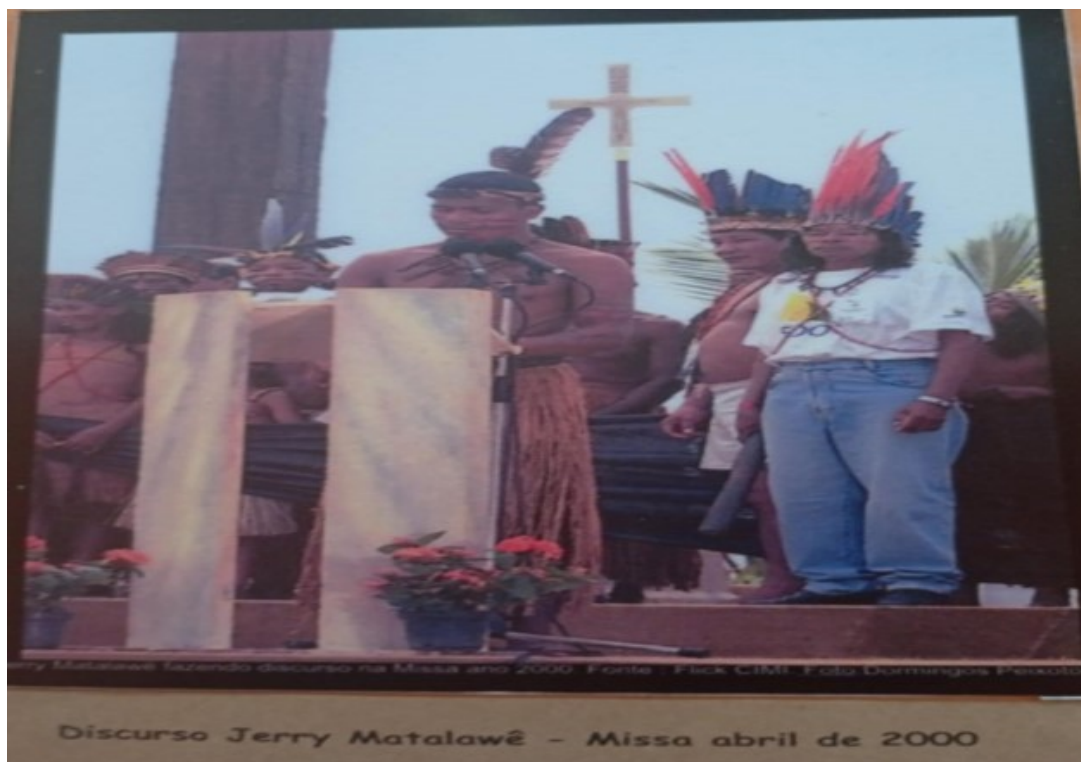
mento. Após a solenidade os pataxós pintaram de preto o rosto dos membros da comitiva e entregaram cocares às autoridades, como símbolo de amizade e respeito. Já na aldeia, os índios recepcionaram a comitiva, oferecendo ao ministro um churrasco de caranguejo e de peixe assado em folhas de bananeira.

A preocupação em relação ao destino dos não-índios que moram ou têm seus comércio estabelecidos em Coroa Vermelha, continua. "Falei para os índios que tenham muito cuidado em não se transformar de oprimidos em opressores", ressaltou o bispo dom Edson de Oli-

veira em conversa com o ministro da Justiça. "Eles serão reassentados graças aos esforços dos governos federal, estadual e municipal", assegurou Renan Calheiros.

"Estou preocupado com os brancos que têm casas simples e que, somente com o dinheiro das benfeitorias não conseguiram se estabelecer em outro local", acrescentou o prefeito de Santa Cruz Cabrália Geraldo Scaramussa. "As autoridades têm que olhar o nosso lado, temos filhos, comércio e não somos bandidos", comentou uma mulher que preferiu não ser identificada.

NO ANO 2000



Pataxó século XX



Firmo Pataxó



Homem sentado Benedito Pataxó. Ano 1992



Manuel Santana Pataxó

Fotos: Acervo ANAÍ

ESCOLA INDÍGENA PATAXÓ COROA VERMELHA



COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA DE COROA VERMELHA



ESCRITÓRIO COMUNITÁRIO



POSTO DE SAÚDE INDÍGENA



PARTILHANDO CONHECIMENTOS NA ALDEIA JUERANA



REUNIÃO DO CONSELHO DE LIDERANÇAS E CACIQUES DA ALDEIA COROA VERMELHA

